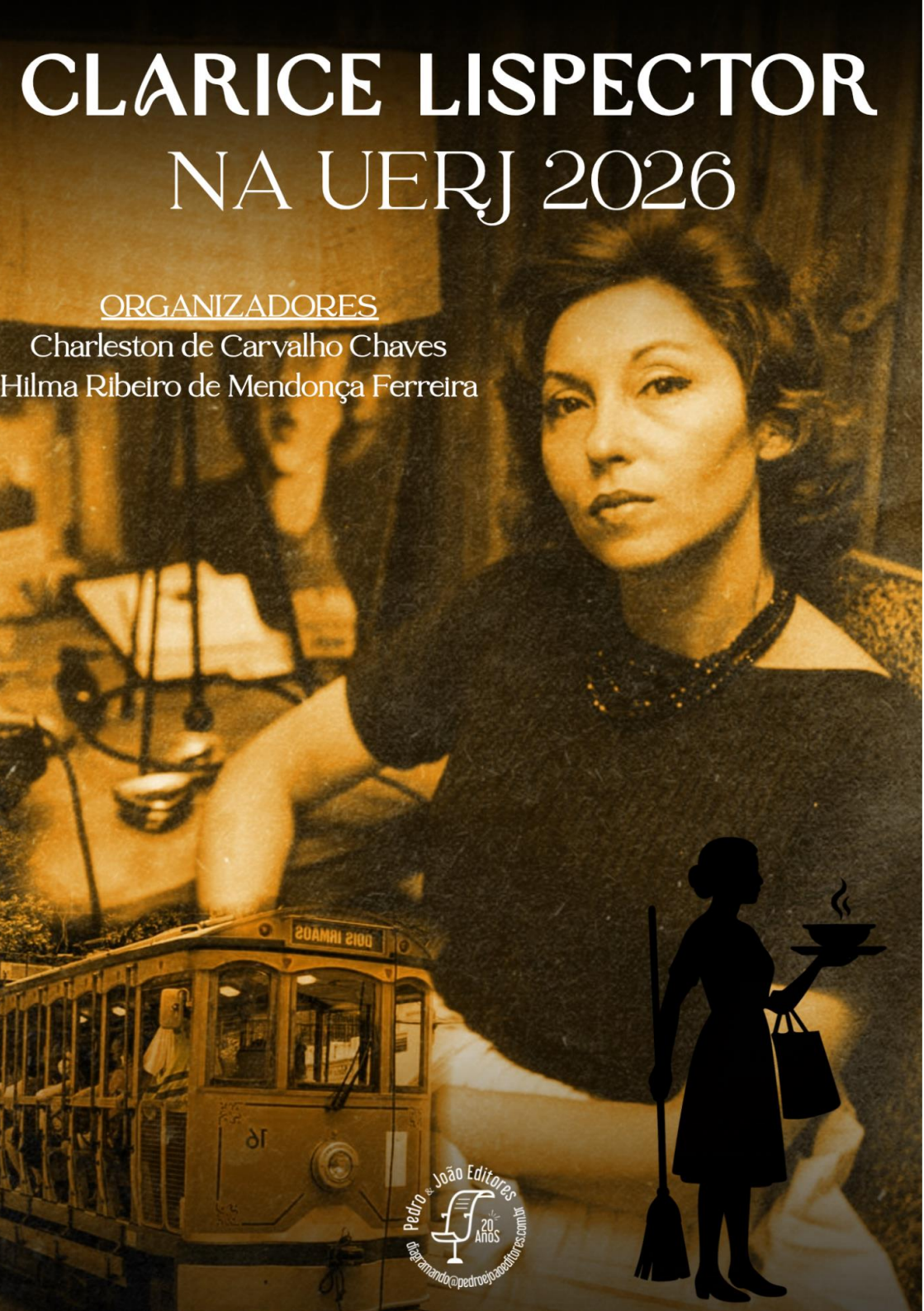
CLARICE LISPECTOR
NA UERJ 2026

ORGANIZADORES
Charleston de Carvalho Chaves
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira



Pedro & João Editores
20 Anos
diagramando@pedroejoaoeditores.com.br

CLARICE LISPECTOR NA UERJ 2026

Pedro & João editores
20 Años

Autores e Colaboradores

Aleska Hessel Cabral
Andrya Ramos
Arthur Santos da Costa
Beatriz Elidia Chaves
Bruno Diniz
Camila Correa
Charleston Chaves
Daniel Alves Muniz
Gabriela Barros Carvalho
Gabriella Marinho da Silva
Hilma Ribeiro de Mendonça
Maria Vitória Farias Barbosa
Mônica de Souza Pinto
Raphael Lourenço de Oliveira
Raphael Ponciano
Sueli dos Santos
Tainá dos Reis Monteiro

APOIO:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERJ
CAp-UERJ
NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
CAPES
FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
PR2
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

CHARLESTON DE CARVALHO CHAVES
HILMA RIBEIRO DE MENDONÇA FERREIRA
(ORGANIZADORES)

CLARICE LISPECTOR NA UERJ 2026

20 Anos
Pedro & João editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Charleston Chaves; Hilma Ribeiro de Mendonça [Orgs.]

Clarice Lispector na UERJ 2026. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 64p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1996-7 [Digital]

1. Clarice Lispector. 2. 1. Acesso à Universidade. 3. Prova de vestibular. 4. Literatura e língua portuguesa. I. Título.

CDD – 370

Capa e diagramação: Lídia Mendes
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Apresentação

Lídia Mendes (UERJ)

A presente obra nasce do nosso compromisso com um sonho coletivo: tornar o acesso à universidade uma realidade possível. Por meio da colaboração de graduandos, professores e mestres, todos envolvidos no cotidiano da UERJ, unimos esforços na elaboração deste e-book como um material de apoio para o Vestibular UERJ 2026. Com base na escolha do conto "Amor", de Clarice Lispector, elaboramos questões de Língua Portuguesa e Literatura que abordam temas presentes na narrativa, seguindo o formato exigido pelo Vestibular.

Ana, personagem do conto trazido, nos convida a refletir sobre o silêncio que envolve tantas mulheres que viveram — e ainda vivem — exclusivamente para o lar e aos afazeres domésticos, alienadas de si mesmas. A escolha da obra como leitura obrigatória evidencia a importância da autora, ao tratar com sensibilidade questões íntimas e sociais. Trazer essas vivências no espaço do vestibular é um passo para romper essa problemática.

Nesse contexto, a publicação deste material é fruto do trabalho cuidadoso dos participantes do projeto de extensão *"Língua, Literatura e Cidadania: democratizando o acesso ao Ensino Superior"*, uma iniciativa vinculada ao Instituto de Aplicação da UERJ (CAp/UERJ). Mais do que desenvolver habilidades linguísticas e literárias, buscamos reduzir desigualdades educacionais ao oferecer materiais de qualidade aos vestibulandos. Acreditamos que a cidadania

também se constrói assim: ao compartilhar saberes, somar forças e abrir caminhos para uma universidade mais plural e acessível.

Portanto, este e-book vai além de um simples material de apoio, ele é um ato social que reafirma nosso comprometimento com a ampliação de oportunidades educacionais. Esperamos que, ao resolver nossas questões, os alunos se sintam preparados para analisar e responder sobre Clarice Lispector durante o vestibular. Que este material sirva como uma ponte, conduzindo-os até os portões da universidade.

Aos futuros uerjianos, desejamos uma boa prova.

Para a elaboração das questões, utilizamos o conto "*Amor*" disponibilizado no seguinte link:

https://files.ufgd.edu.br/arquivos/centroselecao/cs/Lacos%20de%20Familia%20-%20Clarice%20Lispector.pdf

A fim de colaborar com a presteza da leitura do conto, transcrevemos em seguida o seu texto. Boa leitura e bons estudos.

Esperamos ajudar em sua jornada de aprovação no vestibular UERJ/2026!

Abraço fraterno,

Hilma Ribeiro, professora do CAp-UERJ, coordenadora do projeto de extensão "*Língua, Literatura e Cidadania*".

Visite nossa página "@DEAES" no Instagram.

Amor

Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde.
Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.
Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores.
Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.
Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande

tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem.
Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.
No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.
Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções.
Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto

– ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles… Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-

o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível.

O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de

que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente.
Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível… O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir.
Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram. O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo… E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.
Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as

roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite. Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aleia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho. Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós.

Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou – voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aleia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pelos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.
Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada.
Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.
Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.
Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe

pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada… Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado… O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda.

Quase corria – e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava.

Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se trêmula. Porque a vida era periclitante. Ela amava

o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal – o cego ou o belo Jardim Botânico? – agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta.

O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha… Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles… Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou- a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. O sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira, com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lado dos que lhe haviam ferido os olhos.

O Jardim Botânico, tranquilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia
à parte forte do mundo – e que nome se deveria dar à sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia.

As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror.

Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifes, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros.

Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos.

Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com seu marido diante do café derramado.
– O que foi?! gritou vibrando toda.
Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:
– Não foi nada, disse, sou um desajeitado. – Ele parecia cansado, com olheiras.
Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si,
em rápido afago.
– Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.
– Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.
Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde.
Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a
consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.
Acabara-se a vertigem de bondade.
E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.

Questão 1

No trecho: "**E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu**" (p. 15) nesse fragmento, o sentimento da protagonista reflete

A) seu desejo de parar o instante, sendo o sintagma adverbial "**entre os dedos**" interpretável como uma comparação

B) seu desejo de parar o instante, sendo o sintagma preposicional "**a uma borboleta**" interpretável como uma comparação

C) sua análise da vida que levava, sendo a mágoa que sentia por seu cotidiano laboral configurador de uma sinestesia, sobretudo no sintagma nominal "**a uma borboleta**"

D) sua análise da vida que levava, sendo a mágoa que sentia por seu cotidiano laboral configurador de uma metáfora, sobretudo no sintagma verbal "**entre os dedos**"

Questão 2

Ainda sobre o trecho da página 15, pode-se identificar algumas figuras de linguagem. Duas dessas figuras são representadas na opção:

A) Aliteração e comparação
B) Onomatopeia e litote
C) Metáfora e paronomásia
D) Hipérbole e personificação

Questão 3

No conto "Amor", Clarice Lispector articula, ao longo da narrativa, uma tensão entre o fascínio e o nojo diante de elementos inesperados no cotidiano da personagem Ana, como o cego que mastiga chicletes. Esse contraste culmina em uma espécie de suspensão da rotina, que reconfigura momentaneamente sua percepção de mundo. A relação entre fascínio e nojo, nesse conto, evidencia

A) A crítica à banalidade da vida doméstica
B) A exaltação do instinto materno como força regeneradora
C) O abalo da aparente harmonia por impulsos inconscientes
D) O rompimento definitivo com os padrões sociais conservadores

Questão 4

Em "Amor", a personagem Ana experimenta uma quebra abrupta de sua rotina ao se deparar com a imagem inesperada de um cego mascando chicletes. A partir desse encontro, sua percepção do mundo sofre uma reconfiguração momentânea, que altera a maneira como enxerga a própria existência e os elementos do cotidiano. Essa reconfiguração revela, predominantemente

A) A fragilidade das estruturas que sustentam a aparente estabilidade da vida cotidiana

B) A libertação definitiva dos valores sociais que antes limitavam suas ações

C) A retomada da ordem emocional por meio da aceitação do papel materno

D) A transformação duradoura de sua personalidade pela experiência do desconhecido

Questão 5

No trecho **"Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor."** (p. 14) a autora traz uma visão não romântica da maternidade, que pode ser atrelado a ideia de que

A) A maternidade não foi algo desejado pela personagem.

B) A personagem não tem afeto pelos filhos

C) A personagem se culpa por não exercer um bom papel de mãe

D) As ações dos filhos sempre são oriundos da criação dada pela mãe

Questão 6

Ao longo do conto a autora deixa alguns fragmentos que já precedem a crise existencial

que vem a ocorrer com a personagem, como no trecho:

A) "Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se." (p. 11)
B) "Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher." (p. 12)
C) "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera." (p. 11)
D) "E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera." (p. 12)

Questão 7

No trecho **"Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto.**" (p. 13) a autora utiliza de uma figura de linguagem específica que visa dar mas vivacidade ao texto e aos elementos da narrativa, mais conhecida como

A) Metonímia
B) Polissíndeto
C) Prosopopeia
D) Ironia

Questão 8

No trecho **"Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se."** (p. 14) o uso dos pronomes sublinhados tem como função

A) Dar rima ao texto
B) Evitar repetição de termos
C) Deixar a escrita rebuscada
D) Desfazer ambiguidade

Questão 9

O conto "O Amor", de Clarice Lispector, narra uma ruptura de perspectiva que se opera na vida da personagem Ana. Essa ruptura ocorre quando ela percebe um cego parado em um ponto, fazendo com que todas suas noções prévias que moldavam sua visão de mundo se partissem.
Esse vislumbre do cego demonstra:

A) O reencontro com a juventude perdida
B) O vislumbre da felicidade doméstica
C) Um instante de desencantamento com o mundo
D) A partilha de sentimentos com outro indivíduo

Questão 10

O trecho **"E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais**

fosse seu.” (p. 15) ocorre uma figura de linguagem. Essa figura é a

A) Metonímia
B) Comparação
C) Metáfora
D) Hipérbole

Questão 11

O fragmento **“Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.” (p.** 11) revela a relação de Ana com seu ambiente doméstico. Para ela, esse local representa

A) espaço de controle
B) lugar de reflexão
C) memória do desespero
D) ambiente de negligência

Questão 12

“Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida” (p. 11).

Dentro dos temas abordados pelo conto “O Amor”, é discutida a posição feminina dentro dos papéis de gênero impostos pela sociedade. Tendo em vista o trecho, a vida da personagem é desconsiderada antes do casamento porque

A) Ana só adquire valor quando casa-se com um homem bem-sucedido

B) A vida da mulher apenas constitui-se nos papéis de mãe e esposa

C) Seu interesse pela vida começa a partir do matrimônio

D) Sua posição profissional ainda não estava formada

Questão 13

No trecho **"O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador."** (p. 11) o termo "como um lavrador" configura

A) Metáfora, por construir uma imagem de Ana em um contexto rural

B) Ironia, devido ao sarcasmo presente no contraste entre campo e cidade

C) Comparação, indicada explicitamente pelo uso de um termo comparativo

D) Anáfora, pois o termo "lavrador" retoma o sujeito

Questão 14

A descrição do papel de Ana em seu cotidiano no trecho "**Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom**

assim. Assim ela o quisera e escolhera.” (p. 12) evidencia

A) A revolta da personagem em relação ao não reconhecimento das funções que exerce enquanto trabalho.
B) O posicionamento crítico da personagem sobre o estilo de vida do qual faz parte.
C) A invisibilização das atividades domésticas, quase sempre exercidas pelas mulheres, como trabalho.
D) A aceitação, a contragosto, do papel social imposto às mulheres pelo patriarcado.

Questão 15

“<u>Fazia-se</u> no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.” (p. 13)

É correto afirmar que a oração principal que está sublinhada no fragmento apresentado possui

A) Sujeito indeterminado, marcado por pronome e verbo na 3ª pessoa do singular.
B) Sujeito inexistente, devido a utilização de um verbo impessoal.
C) Sujeito oculto, perceptível apenas pela desinência verbal.
D) Sujeito simples, mas posposto ao verbo.

Questão 16

“O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava.” (p. 14)

O uso da expressão "um ser" para se referir ao filho de Ana revela

A) O esgotamento da personagem diante de sua rotina doméstica.
B) O estado psicológico de estranheza no qual a personagem se encontra após uma crise.
C) A idealização da maternidade, chamando atenção para a semelhança entre mãe e filho.
D) A despersonalização da criança, deixando de tratá-la como uma pessoa

Questão 17

"Estava tão insegura, e tão insegura, que o momento parecia cheio de presságios."

A repetição da expressão "tão insegura" tem como efeito de sentido

A) Reforçar o estado emocional da personagem em contraste com o mundo exterior.
B) Criar um paralelismo formal entre personagem e natureza.
C) Sugerir uma dúvida entre dois caminhos que ela deve escolher.
D) Indicar a progressiva aceitação da nova fase de sua vida.

Questão 18

"**O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava**

chicles… Um homem cego mascava chicles.” (p. 12)

No trecho o vocábulo destacado foi formado por um certo processo de formação de palavras, que é chamado de derivação

A) Imprópria
B) Regressiva
C) Parassintética
D) Prefixal

Questão 19

“Mas os ovos haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede.” (p.12)

Assinale a alternativa em que a substituição dos termos destacados pela forma pronominal está correta:

A) “Os ovos haviam se quebrado no embrulho de jornal. Suas gemas pingavam entre os fios da rede.”
B) “Os ovos haviam se quebrado no embrulho de jornal. Lhes gemas pingavam entre os fios da rede.”
C) “Os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Se gemas pingavam entre os fios da rede.”
D) “Os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Suas pingavam entre os fios da rede.”

Questão 20

Observe a forma verbal destacada no trecho:

"Ela *plantara* as sementes que tinha na mão..." (p.11)

A forma verbal "*plantara*" indica uma ação

A) Hipotética, a ser realizada no futuro
B) Habitual, ocorrida no passado remoto
C) Concluída, anterior a outro fato no passado
D) Contínua, em progresso no momento da fala

Questão 21

"Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio." (p. 12)

A expressão ***"como se olha o que não nos vê"*** indica o sentimento de

A) Raiva, por ser ignorada pelo outro.
B) Desprezo, por julgar o outro inferior.
C) Introspecção, por perceber-se invisível.
D) Estranhamento, por ser observadora de algo incompreensível.

Questão 22

No trecho **"Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto."** (p. 11) a autora utiliza de uma figura de linguagem denominada

A) Hipérbole
B) Ironia
C) Prosopopeia.
D) Metonímia.

Questão 23

"A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada… Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado… O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno. Era quase noite agora e tudo parecia

cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.” (p. 14)

No trecho acima, do conto Amor de Clarice Lispector, a experiência da personagem Ana no Jardim revela uma contradição. Essa ambiguidade se constrói por meio da

A) Oposição entre a racionalidade e o instinto animal presente nos seres humanos
B) Contradição de sensações que misturam o fascínio e a repulsa pelo belo
C) Oposição entre elementos naturais e artificiais na paisagem do Jardim
D) Contradição entre a serenidade do Jardim e a inquietação da cidade

Questão 24

“**Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela *plantara* as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores.”** (p.11)

Em relação à palavra “**lavrador**”, o verso sublinhado indica uma função de

A) Causa
B) Finalidade
C) Concessão
D) Comparação

Questão 25

"A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha… Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles… Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. O sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira, com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água

escapava." (p. 14)

O trecho revela um momento íntimo da personagem, a qual vivencia um conflito interior, marcando um processo de

A) Tristeza profunda.
B) Autoconhecimento.
C) Negação da dor.
D) Autodepreciação.

Questão 26

Ana é uma dona de casa que leva uma vida aparentemente tranquila e equilibrada. Entretanto, um fato ocorrido a desestabiliza e a leva a uma reflexão tão profunda a ponto de desorientá-la. Considerando os fatos ocorridos durante sua pequena viagem de bonde, marque o que a levou a ficar desorientada:

A) O saco de tricô que ficou deformado.
B) O homem cego parado no ponto e mascando chicles.
C) Os ovos que se quebraram.
D) O grito que Ana deu.

Questão 27

Clarice é uma escritora que se concentra nas profundezas emocionais de suas personagens, assim suas narrativas procuram explorar com mais intensidade

A) o enredo convencional
B) a narrativa linear
C) os pensamentos e sensações
D) o conto alegre e descontraído

Questão 28

A fim de apresentar sua visão filosófica e intensamente existencial, Clarice Lispector solidifica uma autoria que é marcada por sua linguagem

A) Pacífica e emocionante
B) Banal e inesperada
C) Absurda e frágil
D) Subjetiva e introspectiva

Questão 29

"Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom." (p. 15)

Esse fragmento parece simples, mas na linguagem de Clarice pode sugerir que

A) Ana não comprou ovos suficiente
B) Ana errou a receita do jantar
C) Ana vive um momento anormal
D) Ana pode provar que a ordem pode ser mantida mesmo com falhas

Questão 30

Observe o trecho a seguir:

"E, estremecendo, também sabia por que. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem que é chamado pelo luar''.(p.15)

No fragmento sublinhado, podemos afirmar que foi utilizada a seguinte figura de linguagem:

A) Metáfora
B) Antítese
C) Hipérbole
D) Comparação

Questão 31

Observe o trecho a seguir:

"Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos'' (p.15)

A expressão em destaque indica que

A) ela estava cozinhando e o forno a incomodou.
B) o calor do ambiente a deixou com raiva.
C) o calor simboliza dor e sofrimento que ela sentia.
D) ela chorou por causa da fumaça do forno.

Questão 32

Observe o fragmento e interprete o efeito do sentido atribuído ao trecho em destaque:

"Depois que o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos. Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu.'' (p.15)

A) Criar uma imagem literal do movimento mecânico do avião
B) Exagerar a altura em que o avião voava, como se estivesse tocando o sol
C) Dar ao avião intenções humanas, como se ele fosse um ser vivo ameaçador
D) Indicar que o céu estava em chamas por causa do calor excessivo

Questão 33

"Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo. A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si'' (p.13)

O trecho destacado configura as seguintes figuras de linguagem

A) Metonímia e hipérbole
B) Prosopopeia e metáfora
C) Eufemismo e ironia
D) Antítese e pleonasmo

Questão 34

"**Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se.**"(p.11)

No conectivo em destaque podemos verificar que se atribui o valor semântico de

A) Adição
B) Concessão
C) Tempo
D) Oposição

Questão 35

"Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela."(p.11)

A figura de linguagem usada no trecho destacado é a

A) Metáfora
B) antítese
C) hipérbole
D) personificação

Questão 36

"**Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. *Mas* na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido.**"(p.11)

O conectivo em destaque carrega o valor semântico de

A) oposição
B) adição
C) finalidade
D) conclusão

Questão 37

"**Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel.**"(p.13)

A figura de linguagem usada no trecho destacado é a

A) símile
B) personificação
C) hipérbole
D) metonímia

Questão 38

Trecho I: "**Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como *se* o tivesse inventado**" (p.11)

Trecho II: "**Inclinada, olhava o cego profundamente, como *se* olha o que não nos vê". (**p.13)

As relações morfossintáticas dizem respeito à classificação e à função de um determinado termo em questão. Nesse sentido, pode-se afirmar, quanto aos termos sublinhados nos trechos acima, que

A) ambos os termos são pronomes e funcionam, em seus contextos, como elementos discursivos que retomam e concordam com seus respectivos referentes.

B) ambos os termos são conjunções e funcionam, em seus contextos, como elementos conectores capazes de unir orações semanticamente afins.

C) o primeiro termo é um pronome e funciona como elemento conector capaz de unir orações semanticamente afins, indicando à primeira uma condição; por sua vez, o segundo termo é uma conjunção que, junto ao verbo, concorda com seu respectivo referente e o torna paciente da ação verbal.

D) o primeiro termo é uma conjunção e funciona como elemento conector capaz de

unir orações semanticamente afins, atribuindo à primeira uma condição; por sua vez, o segundo termo é um pronome que, junto ao verbo, concorda com seu respectivo referente e o torna paciente da ação verbal.

Questão 39

"**O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesmo cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida**".(p.11)

As figuras de linguagem funcionam como elementos expressivos capazes de trazer novidade à linguagem, criando enunciados que fogem ao comum e elevam a intenção discursiva na percepção de quem a recebe. Desse modo, é possível verificar a presença da seguinte figura na construção do excerto acima

A) personificação, pois atribui ao vento a capacidade de lembrar à protagonista seu momento de descanso.

B) metáfora, pois atribui aos termos 'sementes' e 'árvores' novos sentidos,

relacionando-os a um novo significado compreendido por meio da situação em que são empregados.

C) hipérbole, pois atribui exagero ao esforço exercido pela personagem ao compará-la a um lavrador.

D) eufemismo, pois atribui leveza ao sofrimento vivido pela personagem ao realizar suas tarefas cotidianas.

Questão 40

Trecho I

"Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com seu marido diante do café derramado.

- O que foi? gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo *da mulher*. E de repente riu entendendo:

- Não foi nada, disse, sou um desajeitado. – Ele parecia cansado, com olheiras."

Trecho II

"A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O jardim era tão bonito que ela teve medo *do inferno*". (p. 15; p.16)

O estudo das relações sintáticas de um período faz com que se possam compreender também as

relações de sentido existente entre os termos que o compõem e, assim, facilitar a compreensão do texto com um todo. No trecho acima, de forma respectiva, os termos sublinhados devem ser sintaticamente classificados como:

A) o primeiro como adjunto adnominal, pois integra-se ao substantivo 'medo' e lhe indica um possuidor, aquele que experiência tal emoção; já o segundo como predicativo do objeto, por adjetivar o substantivo 'medo' em uma construção com ausência de verbo de ligação.

B) o primeiro como complemento nominal, por aprofundar o significado de um nome, completá-lo — tem medo de quê? Do inferno; já o segundo como adjunto adnominal, pois integra-se ao substantivo 'medo' e lhe indica um possuidor, aquele que experiência tal emoção.

C) o primeiro como predicativo do objeto por adjetivar o substantivo 'medo' em uma construção com ausência de verbo de ligação; já o segundo como objeto indireto, pois completa, com auxílio de preposição, o sentido do termo 'medo';

D) o primeiro como adjunto adnominal, pois integra-se ao substantivo 'medo' e lhe indica um possuidor, aquele que experiencia tal emoção; já o segundo como complemento nominal, por aprofundar o significado de um nome, completá-lo — tem medo de quê? Do inferno.

Questão 41

"Olhando os móveis *limpos*, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida

não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe havia transmito [...]. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e *sujos*, como se voltassem arrependidos.”(p. 11; p.12)

A fim de entender o funcionamento das diversas estruturas que compõem a Língua Portuguesa, é fundamental reconhecer a diferença de estudo entre os campos da morfologia e da sintaxe. No trecho acima citado, é possível compreender que os termos destacados, embora sejam ambos adjetivos quanto a sua morfologia, divergem no campo da sintaxe ao passo que se classificam, respectivamente, como:

A) adjunto adnominal, porque constrói, junto ao elemento a que se liga, um único referente, especificando-o – não são quaisquer móveis – é predicativo, porque, ao contrário, o termo serve de informação nova, não especifica o referente, mas sim o caracteriza.

B) complemento nominal, porque preenche o vazio de sentido deixado pela pluralidade de sentidos do termo ‘móveis’ e adjunto adnominal, porque atribui uma característica já reconhecida do referente e assim o difere de outros.

C) predicativo, porque a apresentação de tal característica é a razão pela qual o enunciado existe e complemento nominal, porque os adjetivos completam o significado

do termo ‘novo’ tal como um objeto faz com o verbo.

D) adjunto adnominal, porque a ausência do termo levaria a uma perda de especificidade que comprometeria a intenção comunicativa e objeto direto, porque funcionam as palavras sublinhadas como complementos circunstâncias do verbo ‘encontrar’.

Questão 42

“Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.” (p.11)

Nesse trecho, nota-se uma cena pequeno-burguesa. Sabendo que metonímia é uma figura de linguagem em que a parte representa o todo ou vice-versa, pode-se dizer que a personagem Ana é uma metonímia de:

A) todas as mães que cuidam da casa e dos filhos enquanto os maridos trabalham.
B) todas as esposas que se encontram insatisfeitas com os seus casamentos.
C) todas as mulheres que vivem num automatismo devido à realização de certos protocolos domésticos.

D) todas as mulheres que precisam fazer as compras da casa.

Questão 43

"Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria."(p.11)

Do trecho acima, infere-se que é possível viver

A) ignorando a felicidade
B) cumprindo papéis
C) sendo persistente
D) tornando-se invisível

Questão 44

"Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido." (p.11)

Metáfora é uma figura de linguagem que compara dois elementos de forma implícita.

De acordo com a leitura do trecho, a hora perigosa da tarde é uma metáfora para

A) hora em que a casa estava vazia.
B) a hora em que cada membro da família estava distribuído nas suas funções.
C) a hora em que os móveis estavam limpos.
D) a hora em que a personagem encontrava-se vulnerável por não estar ocupada com os afazeres domésticos.

Questão 45

"Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o." (p.12)

Por meio desse trecho, pode-se deduzir que Ana sente-se insultada pelo cego, por enxergar a sua vida naquele ato

A) cíclico de mastigar a goma
B) irritante de mastigar a goma
C) repulsivo de mastigar a goma
D) satisfatório de mastigar a goma

Questão 46

Trecho destacado:

[...] A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível… O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. [...](p.12)

O impacto simbólico da expressão "o mal estava feito" na transformação do estado emocional de Ana

A) representa o desmoronamento da harmonia que ela construiu em sua vida cotidiana, trazendo uma ruptura inesperada.
B) marca o início de um processo de autocompreensão, onde ela se reconecta com emoções muito reprimidas, embora sem clareza.
C) indica sua aceitação do caos como parte inevitável da existência, integrando-o à sua percepção de mundo.
D) retrata sua indiferença frente às responsabilidades morais e sociais, sinalizando um distanciamento emocional.

Questão 47

Trecho destacado:

[...]Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada… Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado… O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.[...](p.14)

Como o cego é simbolicamente conectado às vitórias-régias e ao Jardim Botânico, e o que essa conexão revela sobre o conflito interno de Ana? Marque a opção que responda a essa questão:

A) O cego e as vitórias-régias representam a decadência inevitável da natureza e do mundo que Ana tenta ignorar em seu cotidiano.
B) Ambos simbolizam o contraste entre a força do mundo natural e a fragilidade emocional que Ana vivencia ao confrontá-lo.
C) O cego e as vitórias-régias expressam a indiferença do mundo diante das angústias humanas, desafiando o senso de harmonia de Ana.

D) A conexão entre o cego e as vitórias-régias reflete o desejo reprimido de Ana de escapar do conformismo de sua rotina.

Questão 48

Trecho destacado:
[...]**Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão...[..]**(p.15)

O conceito de "piedade de leão", explorado no fragmento, sugere uma visão ambígua sobre como Ana enxerga suas próprias ações. Qual é a principal ambiguidade que emerge dessa reflexão? Marque a opção que responda a essa questão:

A) Sua piedade representa um conflito interno entre sua força emocional e sua fragilidade diante da vida.
B) O sentimento de misericórdia de Ana reflete sua necessidade inconsciente de dominar os outros.
C) Sua compaixão demonstra uma tentativa de sublimar sua inquietação pela vulnerabilidade do mundo.
D) Ana percebe que sua compaixão carrega traços de poder e violência, afastando-se da ideia de altruísmo genuíno.

Questão 49

Trecho destacado:
[...] O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifes, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.[...](p.15)

Como o "horror" repetido nesse trecho, incluindo os elementos da cozinha, a formiga e os insetos, reflete a percepção de Ana sobre o mundo e sobre si mesma? Marque a opção que responda a essa questão:

A) O "horror" repetido traduz a aversão de Ana à monotonia do cotidiano e sua tentativa de dominar os elementos opressivos da vida doméstica.

B) A descrição dos detalhes, como a flor lânguida e a formiga esmagada, simboliza a

tomada de consciência de Ana sobre a violência inerente ao mundo, provocando uma crise que conecta o ambiente ao seu estado emocional.

C) Os detalhes apresentados com "horror" reforçam uma percepção de indiferença emocional, onde Ana desconecta o ambiente de sua experiência, tentando mantê-lo apenas como funcional.

D) O "horror" e os insetos revelam a aceitação de Ana sobre o caos do mundo, simbolizando sua capacidade de enfrentar os desafios naturais com força.

Questão 50

A produção literária de Clarice é fortemente marcada pela epifania, isto é, no sentido literário, a ocorrência de uma compreensão profunda de forma repentina, a qual pode ser desencadeada por uma pessoa, objeto ou evento. No conto **"Amor"**, o elemento que funciona dessa forma para a personagem é representado pelo/pelos

A) os ovos quebrados
B) o solavanco do bonde
C) o homem cego
D) o menino dos jornais

Questão 51

Ana, a protagonista do conto **"Amor"**, é uma dona de casa no sentido tradicional, cuida dos afazeres domésticos, do marido e dos filhos. Das afirmativas abaixo, qual **não** corresponde a características da personagem?

A) Ana se sente feliz e realizada com a vida que escolheu.
B) Ana se sente responsável por manter a estabilidade e a segurança de seu lar.
C) Ana vive alheia ao mundo que a rodeia até que uma epifania a desperta.
D) Ana adquire consciência de sua posição na sociedade.

Questão 52

Leia o trecho abaixo extraído do conto **"Amor"** de Clarice Lispector:

"Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas". (p.11)

A figura de linguagem que se configura no trecho é a

A) Metáfora
B) Personificação
C) Hipérbole
D) Símile

Questão 53

"Ela apaziguara <u>tão</u> a vida, cuidara tanto <u>para</u> que esta não explodisse" .(p.13)

Os termos em destaque exercem, respectivamente, as funções semânticas de

A) afirmação e adversidade
B) intensidade e finalidade

C) modo e conclusão
D) dúvida e explicação

Questão 54

"**Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.**" (p.13)

Com base nesse fragmento, assinale a alternativa que melhor reflete o uso de imagens sensoriais no conto:

A) Contribuem para a descrição objetiva do espaço sem influenciar a emoção da personagem.
B) Sugerem um distanciamento entre a protagonista e o mundo exterior.
C) Intensificam a experiência subjetiva e emocional da personagem.
D) Servem para reduzir a tensão psicológica vivida pela protagonista.

Questão 55

No trecho a seguir, observa-se a construção da sequência narrativa por meio da progressão temporal dos fatos:

"Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados." (p.12)

Sobre a estruturação dessa passagem, assinale a alternativa correta:

A) A sequência de verbos enfatiza a simultaneidade das ações, sem uma relação de causa e efeito.
B) A progressão dos acontecimentos reforça a dinâmica narrativa, evidenciando o impacto da ruptura na rotina da protagonista.
C) O uso predominante de descrições e adjetivos indica uma pausa na narrativa, realçando a atmosfera do ambiente.
D) A estrutura do trecho sugere um tempo psicológico, em que os eventos ocorrem de forma não linear e subjetiva.

Questão 56

No trecho **"A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos."** (p.13) extraído do conto Amor, de Clarice Lispector, a autora constrói uma reflexão sobre a percepção da protagonista em relação à vida.

Com base nesse fragmento, assinale a alternativa correta:

A) A passagem apresenta um tom irônico ao minimizar a gravidade da morte e do assassinato.
B) A metáfora sugere que Ana percebe a transitoriedade da vida como algo inevitável e natural, desfazendo a ilusão de ordem e previsibilidade que antes mantinha.
C) A estrutura repetitiva das frases indica uma visão simplista e objetiva sobre a existência humana.
D) O trecho reforça a ideia de que a personagem mantém uma visão romântica e idealizada do mundo.

Questão 57

No trecho **"Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede."** (p.12), a imagem dos ovos quebrados adquire um significado simbólico. Sobre essa simbologia, assinale a alternativa que melhor caracteriza esse significado:

A) Representa apenas um incidente cotidiano sem conexão com o estado emocional da protagonista.
B) Simboliza a fragilidade da ilusão de controle que Ana mantinha sobre sua vida, agora irreversivelmente alterada.
C) Indica a necessidade de Ana reconstruir sua rotina de forma ainda mais rígida e organizada.

D) Sugere que a protagonista enxerga a quebra dos ovos como um sinal positivo de renovação e esperança.

Questão 58

"**Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos.**" (p.11)

"**Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel.**" (p.13)

Considerando a organização das palavras nos trechos sublinhados, o emprego das vírgulas indica as funções, respectivamente, de

A) marcar e separar um chamamento – explicar atitude de uma personagem

B) particularizar os objetos da ação – detalhar expressões e ações relevantes

C) enumerar ações com sujeito em comum – adicionar informação sobre um termo já expresso

D) evitar repetição de um termo anterior – reforçar a ideia de ações concomitantes

Questão 59

"**Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.**" (p.12)

O trecho em destaque assume, no contexto, o valor semântico de

A) proporcionalidade
B) consequência
C) complementação
D) causalidade

Questão 60

"**Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia.**" (p 14)

No trecho apresentado, pode-se perceber o uso da seguinte figura de linguagem:

A) Hipálage
B) Antonomásia
C) Silepse
D) Sinestesia

Questão 61

"**Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida.**" (p.13)

A alternativa que apresenta a reescrita do excerto sem alteração de sentido é a da seguinte opção:

A) Então, naquele momento, que tivesse passado do ponto de sua decida, compreendeu.

B) Se deu conta - só então - que havia deixado seu ponto de descida para trás já fazia tempo.

C) Já fazia muito tempo que passaria do ponto onde deveria descer, mas só então percebeu.

D) Apenas naquele momento notou que ainda tinha ultrapassado seu local de desembarque.

GABARITO

Questões	Respostas
1-	B

2-	D
3-	C
4-	A
5-	D
6-	A
7-	C
8-	B
9-	C
10-	B
11-	A

12-	**B**
13-	**C**
14-	**C**
15-	**D**
16-	**B**
17-	**A**
18-	**D**
19-	**A**
20-	**C**
21-	**D**
22-	**C**
23-	**B**
24-	**D**
25-	**B**
26-	**B**

27-	C
28-	D

29-	D
30-	D
31-	C
32-	C
33-	B
34-	C
35-	D
36-	A
37-	A
38-	D
39-	B
40-	D

41-	**A**
42-	**C**
43-	**B**
44-	**D**
45-	**A**
46-	**A**
47-	**B**
48-	**D**
49-	**B**
50-	**C**
51-	**A**
52-	**D**
53-	**A**
54-	**C**
55-	**B**

56-	**B**
57-	**B**
58-	**C**
59-	**B**
60-	**D**
61-	**B**

A publicação deste material é fruto do trabalho cuidadoso dos participantes do projeto de extensão "Língua, Literatura e Cidadania: democratizando o acesso ao Ensino Superior", uma iniciativa vinculada ao Instituto de Aplicação da UERJ (CAp/UERJ). Mais do que desenvolver habilidades linguísticas e literárias, buscamos reduzir desigualdades educacionais ao oferecer materiais de qualidade aos vestibulandos.

Pedro & João Editores
20 anos
diagramando@pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-1620-1
9 786526 516201